



O Soldado Invencível: Vô Nguyen Giap

Wilson do Nascimento Barbosa

*Todos conhecemos qual será nosso destino.
Mas só podemos prevêê-lo ao fazer 50 anos*
(ditado chinês)

O General Invencível

Diz uma lenda indiana, ou chinesa, que existe o general invencível. Não se bata contra ele. Caso você: (a) cometa este erro, será provavelmente vencido; se (b) você sobreviver, sua vida nunca mais será a mesma; ainda que o faça, (c) terá que combater contra os inúmeros inimigos daquele, porque, por não terem coragem de atacá-lo, eles não podem perdoar a sua ousadia por havê-lo feito. Na verdade, são poucos os generais na história que podem ser taxados de tal forma. Em nossa época (1945–2014), o pós Segunda Guerra Mundial, este general inevitável foi Vô Nguyen Giap. Todos os que se bateram contra ele – não importa o que alegassem depois – foram derrotados. Todos transformaram para sempre suas vidas, marcados pela derrota e pela humilhação interior. McNamara, o arrogante ministro da defesa dos EUA, chegou a viajar ao Vietnã para – roído pelo remorso – pedir-lhe desculpas. Os EUA como nação, certamente, mudaram o seu “destino militar” para sempre, após herdar a triste tarefa de agredir o Vietnã. Durante sete anos, seus soldados se arrastaram por aqueles lamaçais tropicais, praticando o genocídio mais sórdido para, ao fim, dali escaparem de modo vergonhoso, praticamente uma fuga.

A potência que hoje chama-se “Império”, dedicou-se no pós Vietnã a escolher, com ainda maior cuidado, seus inimigos, entre as nações mais pobres ou desorganizadas: Iraque, Afeganistão, Líbia, Síria... Mas não se pode dizer que se haja coberto de sucesso. O resultado dessas aventuras, cujas únicas justificativas são: (1) consumir os impostos das famílias norte-americanas em armamentos; e (2) saquear as matérias-primas alheias, é a vitória no médio prazo e a derrota no longo prazo. Tal não é um grande ganho estratégico. Dessa forma, se confirma a tese (c) do adágio da lenda.

Portanto, quais as circunstâncias com que se faz um general invencível? Qual o tipo de homem que pode pretender galgar esta posição? Quais as circunstâncias históricas que geram o soldado invencível? Tentarei responder a tais perguntas, sem buscar esgotá-las.

(A) Circunstâncias políticas – Para que tal personagem emergja, certas situações políticas são requeridas: (i) uma época de transformações rápidas; (ii) uma rachadura séria, talvez irrecuperada ou irrecuperável, na estrutura da sociedade; (iii) a desilusão das grandes massas, nas vidas social e política, antecedente à crise. Veja-se o exemplo de Napoleão Bonaparte. A crise da sociedade europeia de sua época era profunda. Particularmente na França, caiu o regime monárquico com a revolução burguesa de 1789–1792. Após o ascenso dos moderados (girondinos), assumiu o poder a pequena burguesia radical (jacobinos), que instaurou a República, mas não pode manter-se sozinha no poder. Apeada via violência pelos girondinos e pró-monárquicos disfarçados, a pequena burguesia continuou a desempenhar um papel importante na condução do exército, reformado com base popular, que se atribuiu uma tarefa de salvação nacional, contra a invasão estrangeira, esta conduzida pela nobreza (interna e externa) contrarrevolucionária. Seria na esteira da crise do Estado nascente que o general Napoleão, representando o exército, pôde criar a ditadura burguesa, disfarçada de Consulado e, logo, de Império. Portanto, ocorreram transformações rápidas. O povo havia se separado da aristocracia que antes o conduzia, dando oportunidade ao avanço de novos setores sociais: a pequena burguesia e, logo, a burguesia. A maioria do povo não acreditava mais no regime derrubado; queria viver num mundo novo. Daí, o caráter popular assumido pelo exército nacional e pela guerra contra o estrangeiro. Havia ali uma revolução social e política e ela deu oportunidade de poder a Napoleão, um dos grandes generais condutores da guerra popular francesa.

(B) O tipo de homem – O estudo do papel de Bonaparte e de seus generais revelam um tipo particular de homem, diferente dos antigos generais da nobreza. Napoleão e os seus vinham da pequena nobreza ou do povo, e não da nobreza grande ou média. Napoleão foi jacobino, era lugar-tenente do irmão de Robespierre e escapou por pouco de ser executado, quando os jacobinos caíram. Tinha, portanto, um perfil revolucionário (pessoalmente era volteaireano). Partidário do que era novo, participou assim da invenção do novo exército francês, um exército revolucionário. Havia em seu meio grandes generais que não eram revolucionários. Mas pela tendência do poder e a força transformadora da Revolução, esses homens não podiam chegar ou se manter no poder. Portanto, Bonaparte e seus generais eram novos: eram “tribunos”, ou seja, generais políticos, partidários da nova ordem, agitadores e propagandistas que defendiam a República (o “Império” era visto por eles como um desdobramento da “República”); e a Constituição burguesa. Eles fundaram um exército novo que permitiu se criar e consolidar um novo Estado, o Estado burguês, primeiro “imperial” e depois da contrarrevolução de 1815, “restaurador”. Recorde-se da afirmação de Talleyrand que depois de 1889, não era mais possível voltar ao passado (como 1815). Isso significa fatos como o retorno da Revolução (“incompleta”, segundo Marx) em 1830 e 1848, para não dizer 1871.

(C) Circunstâncias históricas – O que tornou Napoleão um general invencível não estava apenas nele, portanto, mas nas circunstâncias históricas que permitiram que se elevasse ao poder: um novo Estado, uma revolução social e política, um exército a serviço da Nação, etc. Analisando o papel de Napoleão, Clausewitz e Engels chamaram à atenção que ele representava um novo tipo de guerra, a guerra nacional (que substituíra a guerra aristocrática), a serviço de um Estado nacional (liderado pela burguesia, que cria um mercado econômico reservado). Havia, portanto, um poder nacional de novo tipo que exigia o abandono do passado, também nas concepções estratégicas e militares. Depois da Revolução Francesa, e de Napoleão, o Estado e a guerra nunca mais seriam os mesmos. Só quando os exércitos das coligações se reformaram, segundo o modelo bonapartista, puderam – todos juntos – enfrentar Napoleão com sucesso. Apesar da assombrosa desproporção de forças materiais, Bonaparte nunca seria vencido por um ou dois Estados europeus. O exemplo de Napoleão é aqui tomado para se fazer uma leitura didática da trajetória de Giap. Veja-se. Não é por acaso que Napoleão é o personagem da história militar que Giap

escolheu como favorável ao seu aprendizado, segundo ele mesmo. Por que aprender de Napoleão? Porque Giap estava interessado em criar um novo tipo de guerra popular, que aproveitasse tanto: (a) a experiência histórica dos vietnamitas e dos chineses; quanto (b) os pensamentos transformadores de Napoleão e de Clausewitz. Giap estava no centro da criação de: (1) uma revolução de libertação nacional, acelerada pela segunda guerra mundial; (2) um exército de novo tipo, necessário para vencer japoneses e franceses (mais tarde, norte-americanos); (3) princípios militares de um novo tipo; (4) um Estado nacional novo (no que participou). As circunstâncias históricas viam-se, assim, postas na agenda. Giap, diante disso, tinha os traços de formação política e de personalidade para preencher essa função, junto à liderança de Ho Chi Minh.

Como Napoleão e seus generais, Giap criou um exército de novo tipo, popular, nacional e revolucionário. Seu exército revelou-se invencível. Como toda inovação histórica, a arte militar de Giap e o instrumento que a executou tardaram em ser percebidos como novos, como uma força diferente, pelos seus inimigos. E este retardo faz parte dos seus elementos para obter sucessivas vitórias. Referindo-se ao “Estado Popular Vietnamita”, um oficial francês declarou que jamais havia visto governo algum do *Viêt Minh*, mas apenas indivíduos com pastas e porta-mapas, que corriam a se esconder, quando se aproximavam tropas francesas. Talvez dissesse uma meia verdade. Não podia, é claro, entender como funciona um governo popular a fazer uma revolução nacional, porque tal oficial não sabia o que era isso.

Um jornalista estrangeiro declararia uma experiência a mais, isso vinte anos depois. Ao obter uma entrevista com Ho Chi Minh, foi levado ao “palácio” do governo em Hanói. Tratava-se de um prédio semiderrubado por bombardeios. Num quarto sem porta, aberto para o jardim, havia uma cama e um fogão, ambos de ferro, bastante desgastados. O Tio Ho serviu-lhe um chá, que preparou naquele fogão. Sentou-se na cama para conversar, ao oferecer-lhe a única cadeira inteira no ambiente. Uma nação de pobres, uma revolução de pobres, um Estado de pobres. Entre esses homens, a dignidade, a tradição e o respeito mútuos tornam mais fácil a reverência à ancestralidade, a homogeneidade política e a confiança na luta. “Nada tem a perder a não ser seus grilhões”. Como dizia a lenda do general invencível, é melhor não cruzar armas contra ele.

Mas a arrogância dos dirigentes colonialistas não conhece limites. Julgando a capacidade de matar como último e definitivo argumento, dedicam-se à prática genocida, como se ela tudo pudesse. A seu tempo, o exército revolucionário francês devorou nos campos de batalha da Europa quatro milhões de camponeses, para resistir por vinte e cinco anos de guerra. Quinze anos depois (1830), a revolução estava de volta. Disse Ho Chi Minh, num pleno do Estado, durante um debate: podemos perder no máximo oito milhões de nossa população, mas a causa da independência triunfará. Naquele momento, o Vietnã possuía dezesseis milhões de habitantes. Mais tarde, os norte-americanos matariam três milhões de vietnamitas em uma guerra sem quartel. Mas, os invasores foram vencidos. E ainda há teóricos, formados no banco de trás da escola, que afirmam não ter as guerras algo a ver com interesses econômicos, com diferenças sociais, e com lutas de classe...

A causa da independência nacional vietnamita é uma prova do poder do Estado nacional no mundo contemporâneo. Enquanto os agentes do capital financeiro uivam em toda parte uma suposta dissolução dos Estados nacionais, as burguesias metropolitanas se aferram cada vez mais ao seu poder local próprio, enquanto difundem besteiras para o uso dos seus lacaios. Enquanto os países pobres abrem suas Bolsas e entregam suas propriedades físicas, a renda se concentra cada vez mais na mão dos mais ricos e dos mais poderosos. Há mais ordem numa chamada favela, do que nas chamadas relações internacionais.

Viajar com passaportes emitidos no chamado *Terceiro Mundo* é sujeitar-se a uma cadeia sem fim de humilhações, nos países centrais. A reciprocidade não existe. Os cidadãos dos países centrais são tratados na periferia como príncipes nababos visitantes. Ainda assim, a burguesia local dispende a capacidade de investimento público em compras e passeios nas antigas metrópoles. Certamente, pessoas que se dedicam a esse tipo de prática social não conseguem entender o que é uma nação, uma revolução nacional, etc. É um perfume cujas moléculas não lhes alcança o nariz. Preferem gostosamente a miopia de classe. Para analisar os interesses adversos, preferem os impropérios. No entanto, insultos, falsificações e mentiras não podem reverter o que efetivamente se passou. E o diálogo de surdos prossegue pelo tempo afora.

A profundidade do movimento popular vietnamita pode ser compreendida pela afirmação referida a Ho Chi Minh que se assemelha à determinação napoleônica de – se necessário – “vencer a Europa inteira para salvar a França”. É irônico que a França, a mesma vítima da causa de

libertação nacional despertada pela Revolução, fosse se tornar, escassos trinta e cinco anos depois, o algoz da causa de libertação da Argélia. E cento e trinta anos depois, a grande farsante da causa democrática, a buscar esmagar o desejo de liberdade do Vietnã. Isso porque a História – como a Ética – não escolhe passados. O herói de hoje pode tornar-se o vilão de amanhã, dadas supostas boas razões para matar e roubar. A burguesia mais revolucionária da França de 1789 talvez fosse aquela proprietária de navios e escravos no além-mar, que se via discriminada e afastada das portas dos palácios da nobreza territorial francesa. O seu discurso “democrático” tem seu valor mensurável e limitado pelos crimes que a seguir tal burguesia iria cometer, entre os quais a “pérola” do Haiti. Daí observar-se a profunda hipocrisia da democracia burguesa, onde até revolucionários podem tornar-se candidatos e tentar o poder, quando deixaram de sê-lo, ou seja, quando hajam aderido à ordem estabelecida. Ou seja, tenham deixado de representar as reformas que haviam anteriormente proposto. Giap assim indica a natureza popular do Estado e do exército:

A sólida retaguarda constitui um fator básico para vitória. Em um território estreito como o nosso, não se dispunha de possibilidade para vastas bases de apoio, como na China. A direção central de nosso Partido postulou estabelecer retaguardas de envergadura apropriada nos territórios estrategicamente importantes, construindo-as no plano político, militar, econômico e cultural; e dar importância às bases guerrilheiras na retaguarda inimiga. Para nós a retaguarda mais sólida era a retaguarda no coração do povo.

Aos que preferem analisar Giap através de uma chuva de insultos, o primeiro deles sendo “comunista”, termo horrível para o politicamente inculto, cabe observar que Napoleão também foi “liberal”, “democrata”, “ladrão” (expropriador), nada menos que o famoso “ogre” dos ingleses. Nada disso adiciona explicação aos fatos. Somente a ciência social com o materialismo histórico, pode oferecer um nicho de compreensão a fenômenos profundos, como o papel criativo de um grande homem.

A troca da forma de luta para manter-se a iniciativa e controlar o poder é, como indicou Lenin, o grande elemento explicativo do fundo de luta de classes de todos os conflitos locais, nacionais e internacionais. O “impulso dos chefes”, o “animal interior” e outras banalidades não podem explicar por que classes sociais, dirigidas por elementos intelectualizados,

descem toda escala civilizatória e se perdem na baixa moral, com a tortura, o extermínio do próximo e o genocídio. Esse desejo profundo de destruir o próximo revela a materialidade dos atos do assassino. “Se não posso mais escravizá-lo, roubá-lo, viver de seu trabalho, estuprá-lo, você já não precisa viver”. Enxergar o próximo como um apêndice de suas necessidades, sem qualquer outro papel, decorre do sentimento de propriedade, do delito de encontrar-se na vida social como classe dominante. Como nos indicou Rousseau, às vezes a brutalidade, o uso da violência desmedida, já se desencadeia por antecipação, na hipótese de se estabelecer a dominação, antes de qualquer rebelião futura do outro. Bélgica e Congo, França e Vietnã, Itália e Etiópia, EUA e Cuba, as díades da miséria humana se espalham por toda parte e revelam o problema da esfinge: “decifra-me ou te devoro!”.

Diante desse espetáculo sinistro, não é de se estranhar também a metamorfose sócio-histórica da vítima, que se levanta do seu leito de Procusto e põe-se a fazer ela própria história, através do seu crescimento nacional e do general invencível. Mas – pasmem senhores leitores! – são Clausewitz e Engels que estão errados em encontrar fundamentos sociais, políticos e econômicos na natureza da guerra. A guerra seria apenas uma “fonte de prejuízos materiais para ambas as partes”, expressão do animal profundo escondido em cada homem, o desejo de predar e remover o medo próprio pelo ato de vencer. O marxismo nunca eliminou os elementos da análise psicológica ou psicanalítica – vide “Escola de Frankfurt” – do ato de guerra. Desejar, no entanto, remover a análise do elemento material da vida dos homens e de seu medo característico, seria reduzir o homem à simplicidade de um bando de hienas ou cães do deserto. Não é apenas a comida imediata que move o homem. Move-o, desde a profundidade histórica de seu ser, desde o fazer a si próprio diferenciado como homem, o controle da propriedade social. Ou seja, a propriedade dos meios de produção. Ter e negar ao outro a possibilidade de ter, é uma degeneração do ego alicerçada na divisão social do trabalho. E, na modernidade, tal divisão complexa requer do trabalho a presença do Estado para que possa ser mantida. Daí que haja Lenin sublinhado o caráter profundo – apontado para o socialismo – da revolução de libertação nacional, na época do novo imperialismo. Sem o monopólio do mundo inteiro como fonte potencial de produção, o papel do capital parasitário fica em muito reduzido. É preciso controlar as fontes potenciais de produção e impedir que as mesmas produzam, para valorizar – do outro lado – produtos que contêm cada vez menos

trabalho vivo. Como assegurar taxas de lucro de dois dígitos, se cada *povinho* ousar controlar seu território de origem ou organizar sua produção? Seria o começo do fim! E é disso que se trata, aqui e ali, de preservar ou restaurar. Impedir a proliferação de Estados nacionais. Impedir a formação de governos locais independentes. Impedir o uso de matérias primas preciosas, na produção da localidade, porque elas se destinam a produzir bens desvalorizados pelo centro do sistema. Eis porque contrariar os desígnios dos proprietários de tudo, desperta o urso mais malvado que mora na barriga de cada primeiro-ministro ocidental. Não é o ódio à cultura do “inferior”, ao seu chapéu tipo coco, ou seu osso atravessado no nariz, o que provoca a guerra. A guerra nada mais é que o roubo altamente organizado, latrocínio em escala de massa. À semelhante guerra injusta é preciso aqui e ali opor uma guerra justa, uma guerra que defenda os interesses das vítimas. Disso se tratou na luta de resistência do Vietnã. Disso tratou aquela circunstância que foi capaz um Ho Chi Minh, um Tran Vam Dong, um Vô Nguyen Giap, um Tiên Dung ou Hâng Van Thai. Esses heróis do povo vietnamita correspondem a um novo despertar daquele povo. Como explicou Giap no plano de guerra:

Os princípios operativos de nossa guerra guerrilheira partiram dos princípios tradicionais da Nação: opor o débil ao forte; o pouco ao numeroso; o pelotão, uma esquadra ou um grupo, um combatente ou um simples morador, também pode lançar-se ao combate, valente e criativamente, com método próprio e efetivo.

O que é estarecedor para todo homem medíocre que não presenciou os fatos daquela guerra é o segredo da entrega pessoal de tantos. Como cada “simples morador” pôde se lançar ao combate com valentia e criativamente? A diferença está em que a classe dominante do Vietnã era o povo revolucionário, e não o dono do supermercado da esquina em que você mora. Na vida, uns geram coragem. Outros, covardia e abjeção.

Vida

Vô Nguyen Giap nasceu na província Quang Binh, no atual Vietnã, em 25 de agosto de 1911. Viria ele a falecer em Hanói, a 4 de outubro de 2013, aos 102 anos de idade. Legou sua longa vida ao serviço do povo vietnamita, dedicando-se desde a infância à luta

política contra os colonialistas. Foi militante primeiro anticolonialista, em seguida aderindo à luta pela causa da revolução nacional e social. Nessa condição, tornou-se militante do Partido Comunista (1934), chefe de segurança do Comitê Central do PCI (Indochina) e do PCV, guerrilheiro, fundador e primeiro comandante do Exército do Povo do Vietnã (1943). Nesta posição, derrotou os exércitos colonialistas da França, e depois dos EUA. Tornou-se mais tarde primeiro-ministro do Vietnã, havendo atuado anteriormente boa parte de sua vida como ministro da defesa do mesmo país.

Vô Nguyen Giap foi o sexto a nascer em uma família de oito filhos. Com o nome de Vô (força) tinha em Giap (Armadura) a definição de seu futuro caráter. Sua família era de camponeses relativamente prósperos o que lhe facultou fazer os estudos básicos em Huê e Hanói. Ativo organizador estudantil foi preso e condenado a três anos, em 1930. Liberado condicionalmente, foi expulso da Universidade de Hanói em 1933, acusado de atividades patrióticas. Foi aprovado em exame de recuperação em 1937, sendo então licenciado como advogado. Tornou-se professor de história e jornalista em Hanói, chegando a ser professor de história em um liceu local.

Um comentário de Giap sobre a intelectualidade de Ho Chi Minh, também se aplicava por certo a ele próprio:

Quero dizer, de maneira mais concreta que o Tio Ho possuía profundamente matizes marcados de um descendente de família pobre letrada do Vietnã, em que a flor e a nata das correntes da civilização asiática, introduzidas desde a China, a Índia etc. se diluíam na cultura nacional.

Giap começou a estudar o marxismo aos 16 anos, quando perseguido após a greve estudantil em Hue. Ao voltar de Qui Nhon, Giap se escondeu na casa de seu professor Vô Liam Sôn, e ali começou a estudar a literatura marxista que seu mestre possuía. Desde cedo Giap mostrou-se fortemente intelectualizado, lendo de tudo que lhe caía às mãos. Como elemento fluente na língua francesa, teve acesso à literatura de história e sociologia nesse idioma, podendo mais tarde pertencer aos círculos de vietnamitas cultivados de Hanói. Tornando-se membro ativo da direção do Partido, desempenhou-se em diversas tarefas na antiga Indochina, atraindo contra si a ação repressiva das forças coloniais. Sua esposa, a tailandesa e militante comunista Dang Thi Quong, seu pai, seu filho recém nascido, e alguns de seus irmãos, foram torturados e assassinados pelos colonialistas. Esses atos criminosos continuaram depois que o PCI foi posto na ilegalidade. Giap havia deixado seu posto de professor e jornalista e passou à clandestinidade.

Nos anos 1938–1941, em virtude de numerosas tentativas da repressão colonial para assassinar membros da direção do Partido, nomeadamente Ho Chi Minh, Giap e outros foram enviados à China, formando uma delegação de trinta membros encarregada de aperfeiçoar treino em guerrilha, para criar à volta destacamentos armados. Na base guerrilheira de Yunam, sob a direção de Mao Tsé-Tung, os vietnamitas fizeram sua formação e retornaram para seu país. Em 1941–1942, ajudou a fundar e a expandir a Liga Vietnamita para Independência (Viet Minh), frente popular anticolonialista que se adensou fundamente como fator antijaponês, e depois, antifrancesês. O Viet Minh criou, ao longo do território da Indochina, todos os elementos políticos necessários à independência nacional. Como explicou mais tarde Giap:

Desde a caverna de Pác Bô e mediante apostilas e aulas a uns quantos participantes organizados nas remotas aldeias montanhosas, por meio de pequenos artigos publicados no jornal Viet Láp, as dez políticas do Viet Minh se iam transmitindo a todas as áreas urbanas e rurais do país, como se fossem o canto comunicativo dos pássaros a toda espécie.

Com a derrota e a rendição das tropas japonesas em 1945, o Viet Minh sob a direção do Partido Comunista, tomou o poder no Vietnã do Norte, formando um governo na capital, Hanói. Giap ali se tornou ministro da defesa, criando um núcleo de tropas em Hanói e deixando outros destacamentos no interior, a fazer propaganda armada. Os franceses preferiam destruir o Viet Minh a entabular com ele qualquer negociação, retomando a força Hanói e desencadeando ampla repressão em todo o território vietnamita. A formação do exército do povo foi assim lembrada por Giap:

Pequenos grupos de autodefesa e pequenas formações guerrilheiras que por si mesmos haviam encontrado armamentos e métodos de combate para opor-se ao terrorismo branco e aniquilar alguns postos do inimigo, converteram-se rapidamente em forças armadas que serviram de núcleo e de pilar do povo nas Insurreições Gerais, conducentes à derrubada do jugo dominante estrangeiro.

Os destacamentos armados vietnamitas responderam com a guerra do povo, que se estendeu até a derrota final dos franceses, embora estes tivessem sido já totalmente armados pelos norte-americanos, em 1954.

Após a derrota de Dien Biên Phu, os franceses viram-se obrigados a negociar, dividindo o Vietnã em dois: Norte, do Viet Minh, e Sul, controlados pelas forças títeres dos colonialistas.

A derrota dos franceses em Dien Bien Phu, foi uma lição para o belicismo de todo o chamado mundo ocidental, quando um povo pobre e aparentemente mal equipado, revelou um Estado Maior soberbo e um comando supremo de excepcional qualidade, desempenhando tarefas praticamente impossíveis. Como sempre, a postura dos franceses e norte-americanos foi silenciar sobre a derrota e ocultar o resultado obtido por suas concepções agressivas e profundamente desastrosas. Por isso, viriam os EUA a substituir o papel francês na península. Já em 1958, centenas de “instrutores militares” orientavam as torturas e os massacres efetuados pela polícia e pelas forças armadas títeres no Sul, que governavam a ferro e fogo, buscando exterminar a resistência do povo.

Mesmo assim, a direção de Ho Chi Minh evitou ao máximo o desencadear de uma resistência armada contra as forças-títere do Sul. Até que em 1958–1959, tal movimento irrompeu espontaneamente, espalhando-se rapidamente sob uma forma de guerras de guerrilhas em aldeias e povoados. A onda de resistência se estendeu às cidades, onde milhares de patriotas haviam sido encarcerados ou mortos nos últimos anos (1954–1962).

A força mental retora de toda resistência armada vietnamita era o general Giap. Senhor de um pensamento militar próprio, plasmado na dialética marxista, Giap era um profundo conhecedor da doutrina napoleônica, de fazer a guerra como movimento do povo, segundo os ensinamentos historicamente captados por Clausewitz e Engels e nacionalizados por Ho Chi Minh.

Como professor de história e jornalista, Giap teve oportunidade de demonstrar sua abordagem teórica dos problemas militares. Professor de liceu em Hanói, Giap escolheu para seu curso de história (1938) as campanhas de Napoleão. Seus alunos comentaram mais tarde seus traços de giz no quadro negro, onde eram apresentadas “as forças em presença” das batalhas do Grande Corso. Isso certamente indica que Giap (25/08/1911 – 04/10/2013), aos 27 anos tinha convicção que a libertação do Vietnã passaria por formas de guerra e que lhe cabia como patriota preparar-se para realizar nela algum papel. Os alunos de Giap lembram-se que seu curso era uma cobertura para pôr em debate as lutas e resistências populares ao longo da história do Vietnã e o curso da guerra de resistência antijaponesa na China. Giap leu nessa época o clássico britânico de guerra de guerrilhas onde El Auren, Thomas Edward Lawrence, (1888–1935) ensina a obter

a maximização do efeito estratégico desde os meios mínimos. Com sua argumentação romântica, Lawrence se filia diretamente à mentalidade jacobina de 1792. Quem não se recorda?

Todos os homens sonham,
Mas não da mesma forma:
Aqueles que sonham de noite,
Nos recessos poeirentos de suas mentes,
Acordam de manhã para verem que tudo,
Afinal, não passava de vaidade.
Mas os que sonham acordados,
Esses são homens perigosos,
Pois realizam os seus sonhos
De olhos abertos, tornando-os possíveis.

Giap estudou os *Sete pilares da sabedoria*, que combinou com os ensinamentos de Engels e Lenin sobre a insurreição. Na certa, os estudou ao lado dos escritos de Mao Tsé-Tung, sobre as campanhas na China, e dos documentos à época disponíveis da Terceira Internacional, sobre a insurreição proletária. Durante cinco anos (1935–1940), Giap escreveu, na revista *A Voz do Povo*, uma coluna que estudava as atividades do Exército Vermelho chinês. Sob o pseudônimo de Duang Huai-Nam, escreveu um livro: *Para conhecer a situação militar na China*. Era um convite aos leitores para que estudassem a luta revolucionária do povo chinês. Qual o partidário da causa do povo que se esqueceria dos textos de Mao?

Eis nossos princípios militares:

1. Atacar primeiro as forças inimigas dispersadas e isoladas e em seguida as forças inimigas concentradas e poderosas;
2. Apossar-se primeiro das cidades pequenas e médias e das vastas regiões rurais e em seguida das grandes cidades;
3. Fixar como objetivo principal o aniquilamento das forças vivas do inimigo, e não a defesa ou ocupação de uma cidade ou um território. A possibilidade de ocupar ou tomar uma cidade ou um território resulta do aniquilamento das forças vivas do inimigo e, com frequência, uma cidade ou um território não podem ser tomadas definitivamente senão depois de várias retomadas;

4. Em cada batalha, concentrar força de superioridade absoluta (duas, três, quatro, e mesmo cinco ou seis vezes a força do inimigo), cercar completamente as forças inimigas, lutar para destruí-las totalmente, sem lhes dar a possibilidade de escapar da emboscada. Em casos particulares, infligir ao inimigo golpes esmagadores, ou seja, concentrar todas as forças para um ataque de frente e um ataque sobre um dos flancos do inimigo, ou sobre dois, aniquilar uma parte de suas tropas e colocar a outra parte em fuga, a fim de que nosso exército possa deslocar rapidamente suas forças para esmagar outras tropas inimigas. Esforçar-se para evitar as batalhas de usura, nas quais os ganhos sejam inferiores às perdas, ou apenas sirvam para compensá-las. Dessa forma, embora no conjunto estejamos (numericamente falando) em condições de inferioridade, teremos a superioridade absoluta em cada setor determinado, em cada batalha, e isso nos assegura a vitória no plano operacional. Com o tempo, obteremos a superioridade de conjunto e, finalmente, aniquilaremos todas as forças inimigas;
5. Nunca entrar em combate sem preparação ou em combate cuja vitória não seja certa. Fazer o máximo de esforço para estar bem preparado para cada compromisso e para assegurar a vitória em relação às condições entre as duas partes.
6. Dar tudo, em nosso estilo de combate – bravura, espírito de sacrifício, menosprezo pela fadiga e tenacidade nos combates contínuos (engajamentos sucessivos realizados em curto período e sem repouso);
7. Esforçar-se para aniquilar o inimigo, recorrendo à guerra de movimento. Ao mesmo tempo, dar a devida importância à tática de ataques de posições, quanto ao objetivo de se apossar de zonas fortificadas e de cidades do inimigo;
8. No que se refere ao ataque das cidades, ocupar decisivamente todas as zonas fortificadas de todas as cidades nas quais o inimigo impôs fraca resistência. Apossar-se, no momento propício, de todos os pontos fortificados e de todas as cidades defendidas moderadamente pelo inimigo, sempre que as circunstâncias o permitirem. Quanto aos pontos fortificados e às cidades tenazmente defendidas, esperar a ocasião prudente e, então, ocupá-los;

9. Completar nossas forças com ajuda de todas as armas e da grande maioria dos efetivos tomados ao inimigo. Os recursos principais em homens e material para nosso exército estão no frente.
10. Saber aproveitar o intervalo entre duas campanhas para descansar, instruir e consolidar as tropas. Os períodos de descanso, treinamento e consolidação, não devem, em geral, ser muito longos, e tanto quanto possível, não deixar ao inimigo tempo para recuperar o fôlego.

Era um convite aos leitores para que estudassem a luta revolucionária do povo chinês. Conhecedor, portanto, dos textos de Mao e de Chou Tê (por exemplo, *Sobre a guerrilha antijaponesa*), Giap escreveu outros textos que à época circulavam entre leitores patriotas. Desse momento, se conhece os textos de Ho Chi Minh, *Sobre os métodos de guerrilha* (1941), *A experiência da guerrilha na França*, e *Sobre a experiência da guerrilha na China* (1945). Recordemos que o Tio Ho traduziu *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, e outros clássicos chineses. Portanto, seria ingênuo supor que toda essa atividade não tivesse dado origem ao projeto de lançamento das operações militares do Viet Minh na fase 1943–1945. Supor igualmente que a estadia de Giap na academia do Exército Vermelho em Kangta, Yunan (1942), não tenha lhe apresentado um debate das principais teses de Clausewitz, seria tomar uma postura ingênua.

Quando o Viet Minh fundou sua Escola Político-Militar Antijaponesa, em 1945, havia ali manuais e apostilas de instrução redigidas por Ho Chi Minh, Giap, Pham Van Dong, Truong Vang Linh e outros teóricos e militares do Partido. É evidente que essa formação de base militar talvez aparentasse ser insuficiente para oficiais do Estado Maior francês, conhecidamente a “Sorbonne” do pensamento militar ocidental. No entanto, seria um exagero tratar como “autodidatismo” toda essa preparação. A divisa marxista de pedagogia, qual seja, “estudo individual” e “debate coletivo”, vê-se aqui aplicada em sua plenitude. É simplesmente arrogância supor que aqueles dirigentes escreviam sobre assuntos que desconheciam.

A reflexão de Giap sobre a experiência de Napoleão foi pensada como dois momentos: (a) a análise da passagem entre as formas de guerra, tal como praticada pelo Exército Vermelho chinês e ensinada na academia de Yunan; e (b) a solução de suas próprias dificuldades operacionais durante a luta contra os franceses (1945–1954). A doutrina militar chinesa era, no processo da guerra de libertação, o resultado de duas experiências:

- (1) a doutrina militar soviética, ensinada aos chineses nas academias soviéticas;
- (2) a experiência especificamente chinesa advinda das tropas da República da China que passaram para o Exército Vermelho.

Nessa experiência chinesa, combinava-se a doutrina Tao de guerra, tradicional, e os conhecimentos adquiridos com o conhecimento militar de distintos países colonizadores. Desse modo, o leque de elementos teóricos para formação de doutrina não eram escassos. A construção gradual de destacamentos guerrilheiros, de destacamento de propaganda armada, de milícias locais, etc., passando depois à formação de batalhões e regimentos, através do processo passo a passo de treinamento, permitiam discutir, implantar métodos e corrigi-los. Este caminho criou a doutrina militar especificamente vietnamita que se difundiu também no Laos e no Camboja. Giap, Dung, e Van Thai construíram, entre outros, esta doutrina vietnamita praticamente como uma reinvenção de Clausewitz (e de Napoleão), de modo muito similar ao que havia ocorrido na União Soviética e na China.

Neste processo, o arquiteto principal é, sem dúvida, Giap. Veja-se um exemplo. Tanto Clausewitz quanto a doutrina soviética atribuem à guerra de guerrilhas a exigência de enormes espaços para fornecer uma saída positiva à causa de libertação nacional. Mao Tsé-Tung e seus generais assumiram convicção semelhante, porque o enorme espaço chinês podia fornecer a variação dos pontos de apoio, que no longo prazo se tornariam bases e se multiplicariam. Giap, no entanto, concebeu uma outra forma de guerra de guerrilhas, capaz de ser efetivada dentro do cerco, e compatível com um território de pequenas dimensões, como o Vietnã. Importante compreender essa visão de Giap não como resultante de uma sucessão de fracassos, mas como uma escolha por um tipo de guerra, igualmente baseada no mesmo método, o marxismo-leninismo, mas completamente nova. Giap criou a estratégia de combater dentro do cerco, valorizando um tipo de ação global, política, econômica, social e cultural. Esta ação, de intensidade nova, requeria como pré-condição um apoio esmagador da maioria da população. E prescindia da hipótese de abastecimento externo. Esta guerra política de novo tipo implicava uma leitura específica e variante para cada qual das categorias marxistas de guerra. Não era apenas uma “deformação” das doutrinas militares chinesa e soviética. O pensamento de Giap fez dela uma releitura de Clausewitz, comprovando que seu gênio não seria apenas “logístico”, mas “completo”.

Já no desdobramento do programa inicial para a ação militar, estabelecido pelo Tio Ho, encontram-se os problemas de passagem, transformação dialética, que desde logo Giap se dedicou a solucionar. “Os princípios tradicionais da Nação” que permitiram estabelecer “os princípios operativos de nossa guerra guerrilheira” são todos lidos dialeticamente. “Opor o débil ao forte” implica aceitar a dissimetria entre a defesa ao ataque, entre defensiva e ofensiva. Para o débil sobreviver “dentro do cerco”, ele não pode ser encontrado. Daí que a defesa e a defensiva requeiram mais meios e mais cuidados do que o ataque e a ofensiva. Ou seja, acarretem esforços diferenciados. No entanto, a defesa e a defensiva, ainda que exitosas, não produzem mudanças, levam apenas à conservação daquilo que já se tem.

Portanto, a verdadeira natureza da defesa e da defensiva é permitir criar condições para o ataque e a ofensiva. Está posta aqui a problematização da “via de passagem”, a expressar a desigualdade necessária entre o que é e o que deverá vir a ser. O “débil” só é perceptível enquanto “débil” diante do “forte”. Por isso, o “forte” não deve poder encontrá-lo. Os meios de dissimulação e acobertamento do “fraco” devem portanto ser aperfeiçoados ao extremo. Daí a importância da camuflagem, da organização do terreno, na guerra de guerrilhas vietnamita. O inimigo não pode combater o que não pode encontrar. Golpeando a torto e a direito, punirá justamente àqueles que não devem ser punidos. O princípio Tao do golpe inútil, do golpe no vazio (dissipação de energia, deseconomia de forças) fica aqui caracterizado. O estudo minucioso da doutrina militar vietnamita revela sua natureza revolucionária: o Tao de guerra, a dialética marxista e o pensamento clausewitziano estão ali fundidos e plasmados. Não há mais como separar essas partes vivas do entendimento de Giap, tornado um guia para a ação de todo um povo.

Veja-se o princípio da concentração de forças. Tanto na doutrina soviética, como na chinesa, evidencia-se o princípio da criação da superioridade esmagadora no ponto necessário. É uma variante do princípio napoleônico do “mover-se sem cessar, antecipando-se à concentração do inimigo”. É elemento doutrinário de Clausewitz. Esse comenta no capítulo “A nação em armas” que o princípio da concentração de forças da resistência parece “obedecer uma lei semelhante àquela que rege o fenômeno da evaporação”... Ou seja, a insurreição age em função da superfície. A dissimetria entre o “fraco” e o “forte” faculta a vitória ao “fraco” somente se ele possuir superioridade esmagadora onde decide combater. A retenção da iniciativa lhe permite a escolha espacial e temporal. Para Giap, esta afirmação de princípio pode carecer de sentido. Não é a mesma

nos planos táticos, operacional e estratégico. A dissolução do teatro de combate num cenário global, inverte dialeticamente frente e retaguarda, concentração e diluição de força. Uma ofensiva pode ser caracterizada por uma sucessão de pequenos ataques, que hão de requerer, para se efetivar, diluição, dispersão de forças de quem toma a iniciativa, e não a concentração. Nesse caso, a superioridade resulta da iniciativa e não da concentração de forças. Em outro caso, em conjuntura geral ou local diferenciada, a concentração sobre um ponto ou uma área pode resultar realmente na necessidade de um número superior. Trata-se da dialética do “pouco” e do “numeroso”, cujas naturezas variam frequentemente. O exemplo do “simples morador (que) também pode lançar-se ao combate” indica a importância da iniciativa e da surpresa da alteração de força no contexto da ação total. Giap valorizava extremamente a ação de surpresa de pequenas unidades capazes de atuar segundo meios autônomos.

Dando interpretação pessoal aos rigorosos princípios da Arte Operacional e da economia de forças, Giap atraiu as forças do Sul para o engajamento cada vez mais profundo e em etapas sucessivas, arrastando, como numa enchente, aquelas forças-títere e seus aliados norte-americanos para a desmoralização e a destruição. Ao triunfar sobre eles (1975), deixou a humanidade, ao mesmo tempo, aliviada e estarrecida.

O grau de dificuldade para quem defende o “status quo” é muito menor – do ponto de vista psicológico – do que aquele de quem defende a mudança. O defensor do “status quo” carrega consigo a ilusão de que representa a maioria. Como dizem os revolucionários, tal ilusão o protege do “estresse” até a beira da derrota final. Dizem também os revolucionários: caso queira mudar as instituições, tome o poder; mas se quiser mudar o poder, tome as instituições. Na luta política que prepara a luta armada é preciso tomar as instituições ou criá-las. Propor-se a mudar a parte do mundo em que vive, não é uma tarefa pequena. Suponha uma escada, uma longa escada... Para galgar por ela, de tantos em tantos degraus, estão postos patamares. Ao se subir, não se deve ficar parado nos degraus. Tal seria perigoso. Poder-se-ia acabar por “descer”, sem desejar. A vida pode ser uma escada de muitos incidentes. Apenas nos patamares, sim, pode-se “descansar”, conversar, negociar. Não se conversa bem de um patamar para o outro. A conversa, ou a negociação, flui melhor entre os que se encontram no mesmo patamar.

Daí a lógica de se assumir a luta armada. Reter poder de violência permite negociar melhor. O domínio da tática e da estratégia na prossecução da política por outros meios introduz paradoxalmente muito mais racionalidade no diálogo entre interesses opostos. Para Giap e seu Estado Maior, ter um exército

vencedor como instrumento de sua negociação fornecia-lhe credibilidade e respeito. Ninguém respeita o que não teme. Um exército invencível é aquele cuja determinação de combater não pode ser minada pelo inimigo. Tal exército só pode ser libertador, popular, revolucionário. Sua superioridade decorre do conhecimento político de sua causa. Esse conhecimento advém da condição de “tribunos”, representantes do povo, de seus chefes. A condição de tribuno de Giap e dos seus, permitia-lhes criar com sua tropa homens com valores individuais diferenciados. Seus soldados e seus guerrilheiros não conheciam apenas seus objetivos e suas táticas. Eles demonstravam uma efetividade muito maior do que a sabedoria das táticas que adotavam. O heroísmo era a medida superior de seus valores individuais.

Tornado por estes fatos soldado invencível, Giap foi primeiro-ministro do Vietnã, retirando-se, por fim, em 1991. Mesmo depois de retirar-se, proferiu palestras no Estado Maior vietnamita, interessado como sempre na formação de quadros. Foi, sem dúvida, o mais importante general após a Segunda Guerra Mundial. Aumenta o seu brilho o fato de haver sido um general do povo, em um país pobre e pouco industrializado. A sua profunda percepção da natureza psicológica da guerra – praticamente sem igual no mundo seu contemporâneo – o levou a maximizar o apoio do povo à causa nacional, bem como a simplicidade, a eficiência e a determinação finalística da máquina do Partido Comunista do Vietnã. Essas qualidades quase sempre não são percebidas, são negadas, e são também deixadas apenas em estado potencial.

Um dos muitos apelidos adquiridos por Giap em seus anos de militância foi Ge Luo, ou seja, “Vulcão sob a Neve”. Quem o conheceu, sabe o que isso significa. Por detrás de sua postura delicada e refinada, para nós tipicamente oriental (mas não vietnamita) dormia uma energia interminável e desconhecida. Dotado de observação profunda e raciocínio rápido no debate, Giap se transformava, personificando o próprio Tao da guerra. Suas frases se sucediam, aparentemente repetindo as ideias já expostas, mas na verdade introduzindo sempre novos elementos, que antes não haviam sido considerados. O cenário que sabia pintar era claro e ligava de modo irreparável o tático e o estratégico, e as tarefas da arte operacional daí decorrente. Esse gênio específico, associado a um talento para obscurecer-se e desaparecer no coletivo, fizeram dele o quadro mais extraordinário da guerra do Vietnã, como se fosse ligado e desligado, com o acionar de um botão.

Os militares franceses e norte-americanos atribuem a Giap o gênio logístico mais importante do século XX. Infelizmente para eles, Giap não foi apenas isso. Foi o general invencível de nossa época histórica. Isso o

favorece como a mente mais completa que se dedicou à ciência e arte da guerra, na segunda metade do referido século. Tal fato o coloca no altar da guerra ao lado de Napoleão, Gengis Khan, Tarmelão, e outros poucos. Não se pode pretender conhecer a história militar e mesmo a história em geral, sem efetuar um estudo humilde, balanceado e justo de semelhantes gigantes do pensamento e da ação.

Giap é em geral interpretado como um caipira que só entendesse de sua localidade, em oposição a Ho Chi Minh, homem multifacético que cumpriu tarefas partidárias em dezenas de países. Para esses, Giap não passaria de uma caixa de ressonância de seu líder e guia espiritual. Mas, tal não era assim. Giap possuía um pensamento próprio, e ao discorrer, ficavam dele evidentes os pontos que não estavam no programa do Partido Comunista do Vietnã, mas que representavam suas próprias convicções, não necessariamente adotadas na prática do Partido. No começo dos anos 1980, tive a oportunidade de ouvi-lo analisar a conjuntura mundial, asiática, africana e até latino-americana. Giap não recusava opinar sobre este ou aquele processo, nem se aferrava a fórmulas escritas. Voava como um pássaro soberano sobre todos os temas, demonstrando ser um quadro da periferia, mas no topo do mundo, como a águia inalcançável que efetivamente era.

Na verdade, não seria possível criar um exército e um Estado aparentemente desde o nada, se os quadros do comando vietnamita não fossem extraordinariamente capazes. E é só assim que se dão as mudanças históricas. Como disse Lênin, com “a formação de um núcleo dirigente”. Che Guevara chamou a atenção que, se o núcleo dirigente não presta, isto é, não existe, deve-se abandonar aquele grupo e reiniciar a tarefa de formar um. Incompetentes, preguiçosos e psicopatas conduzem à derrota. Como frisou Mao Tsé-Tung, só os vitoriosos transformam a derrota em vitória. Para tanto, os vietnamitas adotaram a divisa de Ho Chi Minh: “manter-se invariável nos princípios e ser flexível na tática”. Isso é evidente, nada tem a ver com certos movimentos em outras partes do mundo que permanecem na imaturidade. Ao primeiro baque diante de uma ação repressiva de envergadura, seus membros se desarticulam e vão produzir “autocríticas”, publicadas até na imprensa do inimigo.

Tarefas que para, por exemplo, os movimentos latino-americanos, tem-se tornado historicamente impossíveis de efetivar, foram resolvidas em três ou quatro anos pelo rolo compressor do processo revolucionário vietnamita, o PCI ou PCV. Isso demonstra a firmeza implacável do Tio Ho, mas também a humildade e combatividade implacável daqueles que ele soube escolher. Entre as centenas de personalidades, distintas e

brilhantes, que pôde reunir, se destaca sem dúvida a chama fulgurante de Ge Luo. O vulcão queimando encoberto pela neve, Vô Nguyen Giap, é uma das mais belas figuras que a humanidade logrou produzir.

A Luta Organizada

Disse o camarada Ho Chi Minh (*O trabalho militar do Partido entre os camponeses*, 1927):

A vitória da revolução proletária é impossível nos países agrários e semiagrários, se o proletariado revolucionário não está ativamente sustentado pelo grosso da população camponesa. É uma verdade indiscutível, tanto para a revolução democrático-burguesa, como para a revolução proletária. No período da revolução democrático-burguesa, não há luta do proletariado pela realização de suas palavras de ordem, pela transformação da revolução democrático-burguesa em revolução proletária, que possa ser coroada pelo êxito, sem um bloco revolucionário do proletariado com os camponeses, sem a participação ativa das massas dos camponeses oprimidos para a realização das tarefas da revolução.

Para o Tio Ho, sem a aliança operário-camponesa, constituída até sob a forma de um bloco (aliança institucionalizada, portanto), as palavras de ordem do proletariado sobre a natureza e as tarefas da revolução não podem galvanizar a maioria da população e se tornar, portanto, um fator político de primeira ordem. É de se entender que a “receita” dada por Ho Chi Minh para a Terceira Internacional, como um todo houvesse sido também a base do próprio PCI, que precedeu o PCV. Não seria coerente supor outra coisa. Ou seja, o PC e os quadros revolucionários militantes fariam alianças e blocos políticos com outras camadas sociais e classes, com base no programa mínimo de liberdades públicas, direitos democráticos e representação própria, preconizando daí a criação de um Estado nacional e independente. No processo da luta pela independência, a adoção do programa máximo e a transformação do objeto da luta só poderia se dar com base no bloco sólido da aliança operário-camponesa, com a gradual prevalência de seus objetivos no processo de luta. Esta é exatamente a linha seguida pelo Viet Minh. Sessenta anos mais tarde, McNamara diria ao general Giap: “Se vocês nos tivessem dito que não pretendiam [conquistar a Indochina] não haveria motivo para guerra”... Ao que teria respondido Giap: “Estava escrito no [nosso] Programa. Por que vocês não acreditam no que lêem?!”.

Giap se referia ao fato da mentira sistemática praticada pela suposta civilização ocidental. Como um mentiroso crônico, doente, como um governante ocidental, iria acreditar na sinceridade do próximo? Problema certamente insolúvel.

Giap não tinha qualquer ilusão quanto ao cinismo da afirmação de McNamara. É raro no Ocidente praticantes do genocídio que tenham a firmeza de caráter de Hitler. Giap recebeu McNamara na presença de sua segunda esposa, Nguyen Thi Minh. Sua primeira esposa havia sido presa em 1940 pelos franceses, morrendo na principal prisão de Hanói em 1943. Tal presídio era denominado pelos norte-americanos “Hanói’s Hilton”. A irmã de Giap foi assassinada nas torturas pela polícia francesa. Sua cunhada foi fuzilada em Saigon. O pai de Giap, conhecido patriota, participara das insurreições antifrancesas de 1885 e de 1888. Foi preso por “atividades subversivas” em 1919, morrendo em tortura algumas semanas mais tarde.

Karl Marx sempre censurou nas conspirações socialistas dos anos 1840 o que chamava “espírito de seita” qual fosse, ocultar do público pontos de seu programa, recusar-se a recrutar em todas as classes da sociedade, etc. Marx considerava o comunismo uma doutrina de base científica, capaz de sustentar-se socialmente com base no conhecimento e na razão. Por isso, o programa do PCI ou do PCV eram justamente aqueles programas que estavam escritos. Eles eram utilizados para esclarecer a população, recrutar seus militantes e formar suas alianças políticas.

No entanto, para justificar a repressão e o genocídio, as classes dominantes fingem não entender as propostas abertas e democráticas dos comunistas, que definem claramente quais os interesses que representam. Para a burguesia, há sempre um interesse oculto. Ela finge não entender quais são as reivindicações da maioria da população. Tratam, pois, de “defender” a democracia. Ou seja, impedir qualquer reforma social ou econômica apoiada pela maioria, lançando mão, para tal, da repressão aberta e do terrorismo de Estado. Naturalmente, o Estado colonial que destruíra a família de Giap não podia alimentar a ilusão de enganá-lo com suas manobras políticas.

O trabalho de construção do PCI, e mais tarde do PCV, era entranhar profundamente seus quadros nas situações cotidianas da vida do povo e da classe trabalhadora da Indochina. Operando o tempo todo à margem da escassa vida política permitida, os liderados de Ho Chi Minh construíram um partido, aldeia por aldeia, quarteirão por quarteirão, nas cidades da Indochina. Este trabalho invisível nas ruas, e nos arrozais expressavam a vontade de vencer incomparavelmente forte e pouco encontrável pela máquina da repressão colonial. O PCI tinha como seu terceiro ponto programático a erradicação

de traidores e espiões, o que lhe facultava uma base de partida muito segura para sobreviver diante da repressão. Um informe da polícia francesa de Hanói declara por exemplo que importante elemento para indicar a presença de um comunista no bairro era a pobreza extrema em que viviam os membros do Partido. Segundo a polícia política, nem o povo comum conseguia viver organizadamente naquele nível de miséria. Mas os comunistas sim.

Outro ponto bem distinto do PCI, e depois do PCV, era o caráter cuidadoso de seu trabalho de agitação e propaganda. Naquelas condições repressivas extremas, o contato de boca-a-boca era fortemente privilegiado. À semelhança do Partido Comunista Chinês, a sua frente de trabalho mais difundida era o trabalho cultural. A partir do trabalho cultural, se dava acesso ao trabalho de organização política. Todas as diretivas e palavras de ordem do Partido eram convertidas em poesias e letras de canções, dando-se particular ênfase em fazer as massas populares aprendê-las de cor. Mesmo com os manuais de combate, na fase de criação dos exércitos (chinês e vietnamita) os textos eram transformados em poemas ou em canções. A profundidade deste trabalho pode ser avaliada pelo fato de que, já na época do PCV, cada campanha de massas era iniciada com um novo poema do camarada Ho Chi Minh. Veja-se, por exemplo, o poema abaixo de Ho Chi Minh para formação da guerrilha:

Na Guerrilha

Homem e Mulher
Sem distinção de idade qualquer
Participam da Guerrilha
Com força e vivacidade
Se não possui um fuzil
No campo e na cidade
Faça valer o facão
A machadinha e a enxada
Ou a viga do portão
Da pólvora faça um trilho
Para o inimigo alcançar
Os galhos fornecem os pinos
Que àquele corpo irão furar
Com as alavancas e as pedras
Com os paus de sua cerca
Vá fazendo as armadilhas
Para que ele a vida perca...

(tradução: Wilson Barbosa)

A letra da poesia do Tio Ho pode parecer às nossas almas sensíveis bastante dura. Ela expressa, contudo, sinceridade. Ela fala da verdade, qual seja, que o inimigo quer matá-lo e que você deve matá-lo primeiro. Uma pessoa qualquer que já visitou as “dependências” do aparato repressivo sabe que é assim. Lendo o poema-canção, e pensando nele como uma canção que o povo canta enquanto trabalha, tem-se a ideia do grau de preparação psicológica que ele representa, para fazer frente à realidade. Acho difícil acreditar que um povo assim preparado venha sempre a caguetar quando se vê preso. Tudo indica que o terror branco podia muito menos no Vietnã, porque o povo era dirigido por um partido que falava a verdade. Podia menos do que podia (e pode), por exemplo, quem controla as masmorras do Doi-Codi e de seus herdeiros locais. Trata-se de mais uma visão que exclui a mentira e a covardia, que parecem ser privilégios contumazes “ocidentais”.

Na agitação e propaganda vietnamitas, o teatrinho de esquina e as canções apimentadas, contendo as palavras de ordem da libertação, eram apenas “armas tradicionais” de uma cultura viva, da mais alta eficácia. E as armas tradicionais mais as convencionais de todos os tipos, permitiam preparar um sem número de ações táticas – emboscadas, golpes de surpresa, escaramuças, fustigamentos, franco-atiradores, etc. – que mantinham o inimigo inseguro em sua superioridade de forças. Dessa forma, a revolução acumulava êxito e experiências capazes de renovar a confiança na vitória, diante de quaisquer reveses.

O inimigo colonial, em todas as etapas da luta, matava os membros das camadas populares aos milhares, com suas atividades de “limpeza”, ataques de inquietação e medidas – até privadas – de apoio à ação repressiva. O colonizador mantinha um clima constante de agressão nos três níveis de interceptação: grande, médio e pequeno. Com suas companhias independentes e suas milícias locais, os comandados de Giap respondiam quase sempre nos níveis pequeno e médio de interceptação. O desenvolvimento do exército popular permitiria no curso da guerra passar da defesa para a defensiva e daí para a contra-ofensiva estratégica, com a punição do inimigo em larga escala.

Como a divisa do Tio Ho era não esperar qualquer apoio externo, particularmente material, Giap deu instrução para que os guerrilheiros mantivessem oficinas mecânicas, ferrarias, fábricas e oficinas produtoras de material químico, etc., em níveis pequeno e médio de produção. Tais oficinas seguiam as regras do movimento de emulação patriótica, produzindo sobre a terra e debaixo da terra. Elogiar os sucessos da emulação patriótica, as vitórias de outras frentes, mas competir com elas, buscando superá-las.

Nessa disputa para criar e manter uma capacidade combativa, os êxitos – mesmo à distância de hoje – parecem assombrosos. Por exemplo, no terreno do armamento, só em 1952, haveria um fuzil para cada soldado. Eram, até então, substituídos por lanças de madeira, canos-atiradores, facas, punhais de encaixe (tipo baioneta), garruchas de todos os tipos, municionadas com munição própria feita no local. Um cano de ferro elaborado ou transformado artesanalmente, com munição feita para ele, e um gatilho improvisado, era o “fuzil” corrente. Granadas de mão e morteiros foram produzidos de modo artesanal. Os armamentos produzidos localmente que apresentavam melhor resultado eram enviados para o comando central que os estudava tecnicamente, dedicando-se a produzi-los “em série”. Dessa forma, ainda em 1948, possuíam um morteiro 60 mm. Anos depois, criaram o famoso canhão sem recuo SKZ60, com uma granada de nove quilos. De fabricação própria era o muito admirado (mesmo no exterior) morteiro 4,95 (187 mm), o destruidor de fortins-mãe e fortins-satélite. Os técnicos de Giap produziram de modo independente clorato de potássio, salitre, os diferentes ácidos necessários, sulfato de antimônio ($Sb_2(SO_4)_4$), pólvora (de ignição e negra), trinitrotolueno ($C_7H_5N_3O_6$), trinitrofenol ($C_6H_2OH(NO_2)_3$), o ácido pícrico e trinitroglicerina ($C_3H_5N_3O_9$), nitroglicerina e dióxido de silício.

O desdobramento estratégico

Três plenos do CC do PCI (VI, VII, VIII) decidiram adotar a luta armada (setembro de 1939–maio de 1941) como estratégia para a libertação da Indochina. Foi determinada a criação de uma base de guerrilhas em Bac Son-Vô Nhai e o envio de uma delegação de trinta quadros à China para o aperfeiçoamento militar em Yunan, sob a direção do PCC de Mao Tsé-Tung. Com a criação da Associação da Independência do Vietnã, o Viet Minh, como frente nacional em 1941, estavam dados os passos decisivos para a causa de libertação nacional.

O sucesso dos destacamentos armados formados a partir da Brigada Armada de Propaganda (BAP), fez com que os BAPs servissem de fonte formadora de grupos consideráveis, que podiam ser escalonados como: (a) forças principais móveis; (b) forças regionais, para atuação local; e (c) forças de autodefesa, que atuavam na área de suas aldeias ou bairros (1943–1945). As autoridades japonesas, que haviam substituído o domínio dos colonialistas franceses, contentaram-se em saquear a população local, as fábricas, as minas, os depósitos e as plantações,

enviando tudo que podiam para o Japão. A fome e a degradação da vida cotidiana reforçaram numericamente as forças do Viet Minh. Nas campanhas de julho e agosto de 1945, com o enfraquecimento das tropas japonesas, as forças libertadoras obtiveram sucessos por toda parte. Em 29 de agosto, Giap e suas tropas tomaram Hanói. Ho Chi Minh formou então o primeiro governo moderno de um Vietnã independente.

Com apoio e a logística dos norte-americanos, o General Leclerc entrou em Saigon e reorganizou desde aí uma campanha militar com vistas à retomada do Norte. Os norte-americanos abasteceram Leclerc, que tomou o porto de Haiphong, após bombardeio (20/11/1946) e atacou Hanói (19/12/1946), provocando uma carnificina até então ali desconhecida. O Viet Minh se retirou para as montanhas do Viet Bâc (18/02/1947), deixando rapidamente para os franceses o controle das cidades.

Giap, anos mais tarde, assim caracterizaria a guerra de resistência contra o colonialismo francês:

Primeira fase – Da resistência de Dam Bô, até a derrota da ofensiva francesa em Viet Bâc (julho-agosto de 1947); nesta fase, as forças revolucionárias lograram se preservar e logo se multiplicar.

Segunda fase – Da vitória libertadora em Viet Bâc, até a campanha fronteiriça de 1950; nesta fase, o desenvolvimento da guerra de guerrilhas preparou o crescimento do exército popular e a passagem da defensiva estratégica para a contraofensiva.

Terceira fase – Desde 1950, até a derrota da fortaleza de Diem Biên Phú (maio de 1954); nesta fase o exército cresceu, com dez mil oficiais formados na China, alcançando um efetivo de 250 mil homens, apoiados por dois milhões de guerrilheiros.

Depois de numerosos combates, o campo fortificado de Diem Biên Phú foi tomado e o general De Castries foi feito prisioneiro. Na conferência de Genebra, dividiu-se o Vietnã, com uma linha no paralelo de 17º, em Norte e Sul – este último ainda sob controle das potências imperialistas. A votação do plebiscito no Sul, que deveria levar à reunificação do país, nunca foi feita. Instalou-se no Sul um regime altamente repressivo, que lançou sucessivas campanhas para o extermínio dos movimentos populares; finalmente as direções políticas progressistas do Sul, à revelia dos conselhos dos dirigentes do Norte, resolveram desencadear uma guerrilha de resistência. Na verdade, eles lutavam pelas suas próprias vidas. Pouco a pouco o Vietnã do Norte viu-se obrigado a se envolver naquele conflito (1958–1962).

A administração pró-capitalista do Vietnã do Sul, além de ignorar as necessidades reais da população local, e dedicar-se à corrupção e ao enriquecimento pela exploração social, tratou de prosseguir na estratégia colonialista de marginalizar camadas crescentes do povo. Esta estratégia de “jogar a população pobre para fora do sistema legal” permitia excluir um crescente número de camadas sociais da hipótese de possuir direitos e cidadania. Se as pessoas estão empobrecidas, seus direitos tradicionais são eliminados, setores sociais inteiros são tornados endividados, etc. A tendência seria que tais “perdedores sociais” se tornassem explorados no mercado capitalista semicolonial, mas sem ter acesso a quaisquer benefícios pela riqueza que geravam e pela mais-valia que lhes era tomada. Sua miséria é apresentada sempre como: (1) resultado de imperícia familiar; ou (2) resultado de estruturas tradicionais pré-existentes, o que nem sempre é verdade no caso de sociedades milenares anteriores ao colonialismo moderno.

A administração colonial francesa, frustrada e derrotada na luta do Vietnã, resolveu “passar o bastão” colonizador à ganância imperialista norte-americana. O Estado norte-americano, tornado então senhor do mundo, julgava o Vietnã um caso de somenos, apenas mais uma pedra do dominó que deveria ser limpa com um sopro e mantida de pé. Preparava-se assim uma das grandes tragédias de nossa época. Não tardou a se processar a escalada guerreira. O Vietnã do Sul foi primeiro um comprador de armamentos, sucata de guerra do conflito da Coreia, e recebia por isso um corpo de “assessores” do exército norte-americano, capaz de habilitar o uso de ditas armas. Na medida em que Ngo Dinh Diem e seus sucessores se revelaram incapazes de silenciar o povo do Sul, os norte-americanos foram introduzindo tropas e participando amplamente dos sucessos repressivos e de extermínio. A situação chegou por fim a uma guerra não-declarada entre os EUA, nitidamente na posição de invasor, e o Vietnã do Norte (1962–1975). Esta guerra, como é sabido, terminou com a derrota norte-americana e a chamada “vietnamização” do conflito. Finalmente, com a *Ofensiva Ho Chi Minh*, sob o comando do general Van Tien Dung, Saigon foi tomada e a existência do Estado-títere chegou ao fim (29/04/1975).

Encerrava-se aparentemente um dos maiores conflitos da história contemporânea. A brutalidade do colonialismo ocidental gerou milhões de vítimas por toda a parte. Ao se bater, contudo, com civilizações dotadas de enorme população, precisava tal colonialismo e imperialismo degradar-se ainda mais na escala civilizatória. A necessidade de criar “vazios” na

estrutura social das regiões dominadas, para ali colocar seus próprios excluídos, tem multiplicado seus crimes. A história contemporânea tal como vem sendo fabulada com o viés eurocentrista, silencia sobre a tragédia desse fato e oculta as lições que precisam ser aprendidas para produzir um mundo melhor.

Os princípios estabelecidos por Clausewitz para a “Pequena Guerra” foram todos eles passados em revista pelo Alto Comando Vietnamita e submetidos, sob o crivo de Giap, a adaptação que correspondesse às necessidades locais:

- (1) O armamento do povo em geral, para participação em sua guerra de libertação, deve partir dos instrumentos de trabalho e adaptados aos meios disponíveis – A organização de Giap enfatizou o uso dos meios fornecidos pelo próprio ambiente, lançando mão de galhos, paus, a ambiência dos pântanos, rios e florestas, numa escala colossal – nunca vista antes – de organização do terreno. A arte operacional, nos planos tático e estratégico, foi aqui maximizada. As três forças básicas da ação guerrilheira – companhias independentes, seções de propaganda armada e grupos de trabalho – planejavam detalhadamente o teatro de sua atuação, os meios para organizá-lo e torná-lo favorável, mas de modo surpreendente.
- (2) A guerra de guerrilhas devia ser travada essencialmente dentro do território do país – A renúncia a todo ato espetacular no exterior, na concepção de Giap, torna a guerra de guerrilhas surda, doméstica, capaz de angariar apoio externo e simpatias daqueles que não sejam os beneficiários diretos da agressão. Assim, a importância da propaganda interna – baseada na verdade – é muito maior do que a da propaganda externa. Observe-se o paradoxo de que a “conquista dos objetivos internos” haja facultado aos combatentes vietnamitas a maior visibilidade possível de todas as guerras anticoloniais e anti-imperialistas travadas no século.
- (3) A guerra de guerrilhas não pode ser decidida por uma batalha que se perca – Utilizando o princípio da “liquefação” da concentração de forças, Giap estendeu sua capacidade guerrilheira por todo o território. Grupos de guerrilheiros foram enviados clandestinamente a todas as partes, combinando trabalho cultural com o trabalho político, sob um elevado grau de segredo. O estabelecimento de uma cortina de segredo era um elemento estrutural prévio da preparação militar em cada local. Os destacamentos de propaganda armada realizavam o seu trabalho de mobilização para criar e manter bases revolucionárias. O terreno era

organizado de forma a satisfazer as demandas de segurança da presença dos quadros e da movimentação política e militar da população local. Dessa forma, criaram-se e se mantiveram bases revolucionárias. A fragmentação extrema das atividades de inquietação e destruição do inimigo eram limitadas pelos fatores da independência local possível em logística. Por esta via, as ações intensas e permanentes em diferentes regiões assumiam um caráter espontâneo e aparentemente caótico.

- (4) O teatro de operações deve cobrir um espaço muito vasto – Para Clausewitz, a profundidade e a largura do teatro de operações haveria de permitir escapar à relação desfavorável no choque de forças e ao decréscimo crescente da iniciativa e da surpresa. Giap reformulou esta ideia, ao acrescentar-lhe relatividade. A organização da dualidade do poder permitiu uma guerra multiforme, onde os aspectos psicológicos cresceram sem cessar, e a intensidade da ação se fez onipresente. Através de ações multiformes contra as comunicações, emboscadas, e uso excessivo de minas, a iniciativa e a surpresa não cessaram de ser recriadas. Tornou-se uma peculiaridade do Vietnã as aldeias de combate e as comunas de combate. Dessa forma, ao trocar espaço por intensidade, à convencional audácia do elemento guerrilheiro vieram se acrescentar o método, o esforço prolongado e o sangue frio que deviam caracterizar apenas o militar profissional. Outra vez, a clássica preocupação de Giap com as “vias de passagem”, para transformar uma situação no seu contrário, dá-se aqui dialeticamente determinável.
- (5) Deve-se tirar o máximo partido da topografia – A construção da defensiva estratégica por Giap obedeceu às máximas de Clausewitz e de Mao. No entanto, os vietnamitas levaram a um patamar mais elevado a organização do terreno, com efeitos defensivos e ofensivos. Sua arte de túneis certamente poupou-lhes milhões de vidas durante a longa guerra (economia de forças).
- (6) A defensiva estratégica corresponde à ofensiva tática – Este princípio de Clausewitz estava também na estratégia soviética e em sua similar chinesa. A ofensiva tática, intensa na prática vietnamita, buscava atacar em toda parte e não ser constrangida a defender parte alguma. Seguia, portanto, a essência clausewitziana. Mais uma vez, a relação concentração-dispersão maximizava a “liquefação” ou a “mancha d’água”. Ao se afastar do objetivo, devia também desaparecer no terreno.

- (7) A guerrilha é uma força auxiliar e um exército regular é a força principal – Giap valorizou aqui a interpretação maoista de construir o exército de libertação a partir das unidades guerrilheiras. Embora na China exércitos inteiros hajam, no curso da guerra, se bandeado para os maoistas, o comando sempre deu prioridade à formação popular e guerrilheira da massa de seus quadros. No Vietnã, todo o exército, particularmente seu comando, veio da experiência guerrilheira. Os efetivos de densidade rala, que caracterizavam ali a ação guerrilheira, foram pouco a pouco fonte de unidades concentradas na retaguarda do inimigo (até em redes de túneis) para obter o efeito necessário procurado no tipo de combate escolhido (recontro ou até batalha). Com o desenvolvimento do exército regular vietnamita, já na fase das campanhas ofensivas (busca de uma sucessão de batalhas numa dada direção estratégica), a guerrilha possuía uma participação igualmente central, pela filosofia de ação de Giap.
- (8) A estratégia guerrilheira deve ser capaz de modular a capacidade de resposta do inimigo – É fator moral de importância que a guerrilha, ainda que disponha de força para tal, não efetue golpes de surpresa ou demolidores que atraiam para si o conjunto de forças inimigas. O objetivo da luta guerrilheira é acumular forças no campo do povo, nunca levá-las à destruição. Esta visão de Clausewitz é um pouco desafiada por Mao, sendo que Giap tendeu a acompanhar o líder chinês, valorizando ao extremo o sucesso local. É possível observar-se de quando em quando uma “agulhada” de Giap, para testar se está próximo o ponto de viragem situacional. Giap dá um enorme valor moral à aplicação da vontade. A “vontade (disposição) para combater” e o “espírito de autossustentação no combate” são duas categorias que, frequentemente, acarretavam galardões aos combatentes e reconhecimento na propaganda da imprensa popular. Conheci no Chile uma heroína vietnamita de visita, que havia abatido cerca de 150 inimigos. Seu uniforme estava coberto de medalhas de papel, que expressavam o reconhecimento público vietnamita. Quadros, combatentes de diferentes estruturas, guerrilheiros milicianos e membros da juventude de choque participavam ativamente das campanhas (competições positivas) de emulação, para elevar o entusiasmo no combate. Enfrentar o inimigo em grande desvantagem numérica tornou-se assim um hábito. O general Westmoreland, comandante norte-americano de

uma fase da guerra, sobre isto comentou: “Não podemos derrotá-los. Estamos preparados para matar, mas eles estão preparados para morrer...”. Que diria Westmoreland se descobrisse a disposição brasileira para matar e morrer por uma pulseirinha ou uma briga de trânsito?

Outra prova do “gênio logístico” atribuído a Giap no Ocidente é sua arte prévia do combate. Giap, desde os primeiros destacamentos de propaganda armada, deu enorme importância à preparação prévia de cada ação. Fazia depor os camponeses, que davam informações sobre o local da próxima ação a se praticar, organizando cuidadosamente perguntas e respostas. Fazia “levantar” o objeto da ação várias vezes, valendo-se de diferentes meios e pessoas. Toda a ação era então levada para o papel e as tarefas atribuídas com listas de procedimentos, que se assemelham aos nossos fluxogramas. Quando cada qual sabia de cor seu papel, o roteiro da ação era fechado e passava-se à fase de execução. Esta habilidade organizadora foi em breve espalhada pela massa de quadros, oficiais e tropas da guerrilha e do exército regular. Dos ensaios no papel, avançaram estas preparações para maquetas de papel, que distribuíam em escala e em três dimensões o plano de guerra a se cumprir. A partir de um certo momento, passaram a construir na selva réplicas, até em escala 1:1, do objetivo da ação, com discussão minuciosa das formas de combate mais úteis para ali se empregar. Treinar oficiais e tropas para cada campanha e cada objetivo específico é, sem dúvida, tarefa gigantesca. É preciso muita humildade para deixar de lado a improvisação como método. O resultado certo é a elevação do nível político e militar, e o alto desenvolvimento da capacidade de combinar pessoas e armas em unidades bem diferentes. Como resultado de sua habilidade, em 1948 Giap recebeu do *Bureau* Político a tarefa adicional de organizar a guerrilha do Laos e do Camboja, para ajudar a libertação daqueles povos vizinhos. Comentou Giap:

Para criar bases políticas, poder-se-ia introduzir quadros políticos nas áreas ocupadas pelo inimigo ou empregar destacamentos armados de propaganda. Naqueles lugares onde existem bases políticas bastante amplas, dever-se-ia promover a guerra de guerrilhas, avançando até a criação de bases de apoio antifrancesas, ou zonas libertadas. Dar importância ao princípio de preservar as próprias forças e se fortalecer na medida em que se luta. Tomar a maior consideração quanto à ajuda aos nossos amigos na formação de quadros.

Esse uso extremo do cálculo organizativo permitia a escolha adequada do objetivo que correspondesse ao nível combativo das forças empregadas. As formas combativas privilegiavam o uso da camuflagem, a criação do fator surpresa pela organização prévia do terreno, o uso da velocidade, a alta intensidade e brevidade da ação.

A doutrina contraguerrilheira francesa predominou na ação do agressor, mesmo quando os franceses se foram, e vieram os norte-americanos. As duas divisas francesas eram: (1) “guerra rápida para uma vitória rápida”; e (2) “alimentar a guerra com a guerra, combater os vietnamitas com os vietnamitas”. Este conceito estratégico norteou franceses e, depois, norte-americanos. O agressor privilegiava o uso pesado de equipamentos: aviões, helicópteros, carros blindados de combate e reconhecimento, armas automáticas de grande poder de fogo, tudo para o extermínio preventivo das populações julgadas “politicamente contaminadas”. Suas ações de campos fortificados integravam-se em complicados sistemas de fogo defensivo, de natureza tridimensional, pelo apoio de lanchas, navios de guerra, helicópteros e aviões. Essa superioridade brutal de meios dava ao processo de ocupação forças móveis de envergadura total e permanente. Garantida a ocupação, forças especiais, muitas com aparência civil, podiam se dedicar às tarefas de repressão e de “pacificação”.

Saindo de suas torres de guarda e de seus fortins, os corpos de tropa e os corpos de guarda se dedicavam a caçar e eliminar os resistentes, com a destruição de redutos, oficinas, aldeias e busca de quadros do Partido e da guerrilha. Seu principal objetivo era a destruição dos cérebros que podiam comandar a causa de libertação nacional. Giap nos conta que, por sugestão de um ex-oficial militar japonês, os vietnamitas organizaram o Ký Tâp, unidades de golpe-de-mão sem armas de fogo. Seus combatentes eram preparados nas artes marciais vietnamitas, o bin dihn, o nhat nam e variantes do vovinam, principalmente. Em alternativa ao Ký Tâp, mantinham-se as esquadras de fogo, o Vông Tâp, unidades de ação armadas que carregavam o peso da luta. Os estadunidenses apreenderam em 1962 um verdadeiro tratado tático da combinação para atuar em conjunto, dessas duas estruturas, Ký Tâp e Vông Tâp. A guerrilha em movimento centrava pois sua ação em neutralizar a estratégia de postos fortificados, ao longo do tempo. As bases inimigas compreendiam fortins, ninhos de fogo, cercas e ouriços defensivos. A sua neutralização só se tornava possível na passagem para fases de contra-ataque, ou em uma contraofensiva geral.

O exército vietnamita de libertação era uma estrutura leve que, mesmo combinada à ação dos destacamentos locais, precisava do auxílio forte da engenharia de sapa, até um grau máximo, para neutralizar ao máximo a fortificação inimiga. Era uma organização portanto flexível, e complexa o bastante para conseguir se opor com êxito à defesa massiva dos colonialistas. Perita como era em passar do ataque às posições para manobra flexível, a estrutura do EPL “entrava” e “saía” do combate com agilidade, tendo como arma eficaz contra eles apenas a aviação. Dessa forma, forças aerotransportadas e bombardeios aéreos massivos foram utilizados tanto por franceses como norte-americanos para enfrentar a perda de iniciativa e a inferioridade tática a que constantemente se viam submetidos.

Os comandantes de unidade vietnamitas tornaram-se cada vez mais experimentados em operações combinadas, uso de rede de túneis e rarefação do seu efetivo no terreno. Do outro lado, a tendência do exército-títtere e mesmo das forças metropolitanas era agarrar-se a suas zonas fortificadas e efetuarem, portanto, táticas de guerra linear.

Os motivos para os imperialistas confiarem tão fortemente em linhas de fortificação eram vários. O mais forte deles era não terem historicamente se misturado com a população local, mas insistir em tratá-la sempre de cima para baixo, como uma força social e étnica exterior. Mantidos sempre por esquemas repressivos que degeneravam para operações de genocídio de tempos em tempos, a dominação colonial-imperialista não podia nem sabia confiar na população local, nem mesmo em sua rede de informantes infiltrados, policiais locais e espões.

O colonizador tendia a fortificar sua própria casa, quando nas áreas rurais, apoiando-se apenas sobre uma fração da população local. Com a necessidade de ampliar os efetivos de suas forças militares, as mesmas isolavam áreas para se aquartelar e estendiam inevitavelmente zonas fortificadas em torno de suas fortalezas. As missões para tais zonas eram as mesmas de sempre: (1) garantir setores estáveis para evitar surpresa potencial de uma contraofensiva de um inimigo pouco conhecido; (2) prevenir, portanto, qualquer desdobramento de uma eventual ruptura de frente (local ou provincial); (3) servir de ponto de apoio a operações de nível de exército ou de forças repressivas (“pacificação”); (4) servir de ponto de partida de uma ofensiva em escala maior; (5) economizar forças pela segura posição defensiva.

A deficiência implicada por ser um sistema de defesa fixa era compensada tanto pela economia de forças, como pela potencialidade de intervir intensamente em todos os pontos do território submetido. No entanto, diante de uma direção fria e politicamente experimentada,

expressão da mais alta disciplina até hoje conhecida, como o CC do PCI ou do PCV, não havia da parte do invasor como levá-la a um posicionamento falso ou precipitado.

O círculo dirigente criado por Ho Chi Minh era a paciência e a astúcia materializadas. Somente suas tentativas de passagem da defensiva para a ofensiva constituíam aqui e ali pecados visíveis. A obsessão por encontrar ao longo das várias guerras o momento do assalto final, talvez tenham fundido todas essas guerras do Vietnã em uma única. A busca das formas de passagem atormentou ao longo do tempo Giap e seu corpo de generais. A preparação cuidadosa das manobras ofensivas em inferioridade de forças – combater dentro do cerco – tensionava quase até a ruptura a capacidade de produzir iniciativa para o comando vietnamita. Materializar a destruição do exército inimigo como uma tarefa militar estava sempre presente em sua busca. Após acumular forças por um período bastante longo, triunfando em centenas ou milhares de pequenos confrontos cotidianos, o comando tomava medidas de consolidação e, logo, dava um passo mais largo no caminho de testar uma contraofensiva geral. A ofensiva do Têt (jan-fev. 1968), a ofensiva Nguyen Huê (1972) são demonstrações claras da linha vietnamita de: (a) exercer a vontade; e (b) apoiar-se no espírito de autossustentação. Para Giap e seus comandantes, depois de anos de disciplina férrea, vinha à tona o voluntarismo implacável, capaz de espantar os inimigos e até o mundo. O típico voluntarismo revolucionário. A busca por destruir todo um grupamento estratégico-operacional do inimigo com uma sucessão de golpes poderosos e articulados numa ampla frente, era praticada muitas vezes no limite do poder de força dos atacantes.

Após a vietnamização da guerra (1973), era evidente que uma nova ofensiva de grandes proporções seria desencadeada de uma forma surpreendente. Ela veio com a ofensiva final *Ho Chi Minh* (jan-abril 1975). Como vítimas de um ataque de sucúris no pântano, Huê, Da Nang, Pleiku, Nha Trang e Saigon foram asfixiadas e engolidas pelo exército popular e as massas de guerrilheiros sucessivamente. Aí se vê a extraordinária arte de combate de Giap. Efetuar o que parecia óbvio e inevitável, mas de maneira súbita e surpreendente. Uma análise em separado dos seus atos de voluntarismo parece justificar as críticas que a burocracia militar do Ocidente lhe tem feito. No entanto, quando se interpreta as suas ofensivas como contas de um mesmo colar, uma conduzindo à outra, compreende-se que se está diante de uma grande sinfonia, onde o lugar das partes é gerar o todo. E não possuem nenhum sentido fora do todo que depois se viu concluído. A ofensiva de 1972 levou o comando norte-americano a tirar suas tropas do Vietnã. O impasse aparente que ela teria gerado é uma

vitória surda, cujas proporções só os iniciados puderam apreciar. Não importa como se a pudesse interpretar para efeitos de mídia; as partes nela envolvidas podiam perfeitamente compreender-lhe o significado. Na verdade, ela conduziu diretamente à ofensiva final *Ho Chi Minh*, mil dias depois.

Quando se examina a conta antecedente deste “rosário” budista, é evidente que a ofensiva de 1972 nasceu de um patamar de guerra novo, situação decorrente de um quadro de tragédias das quais não se pode escapar, e que resultam daqueles engajamentos situacionais da ofensiva do Têt (1968). O comando norte-americano compreendeu a armadilha em que se havia metido com a ofensiva do Têt; e compreendeu que devia partir o quanto antes, quando das trágicas proporções da *Ofensiva Nguyen Huê* (1972). A compreensão do todo resultou assim completamente distinta do que seria analisar as fases da guerra como fenômenos isolados. Pode-se ler até o conjunto desses fatos como uma ordem de batalha única, construída em toda a profundidade requerida, já na mente dos chefes vitoriosos. A continuidade necessária no tempo para a materialização de tais fatos estava sendo enxergada no espírito de Giap, que podia por isso dosar o acúmulo de força de cada golpe, desde sua retaguarda. Como num simples jogo de braço-de-ferro, ia ele liberando a força necessária para mover o inimigo daqui para ali, até colocá-lo na posição desesperadora de que resultaria – inevitável – a sua perdição final.

A cada momento em que optou por cada uma destas ofensivas, Giap não possuía a totalidade de forças e de meios necessários para obter o aniquilamento do inimigo. Mas pela arte de “combater dentro do cerco” ele agia como se possuísse tais forças e meios, desencadeando a ofensiva em toda profundidade da defesa inimiga. Após assim tensionar as forças ao máximo e obter uma plena vitória psicológica, cessava ele a ofensiva, com o brusco desaparecimento do emprego da continuidade da força. O inimigo assustado “cantava vitória”. A situação retornava de súbito à ferocidade de tempestade das pequenas ações e recontros, aparentemente caóticos. O inimigo contava os mortos e proclamava, absoluto, sua vitória, para em seguida compreender que nada lhe havia sido acrescentado sobre a situação anterior. Pouco a pouco, voltava-se a caminhar para a treva da indecisão, e era preciso esperar que os pequenos choques viessem por fim como uma onda, a trazer de novo uma nova ofensiva.

Esta era a arte da guerra do general invencível.

Wilson do Nascimento Barbosa
Junho de 2014

Referências Bibliográficas

Benoît Durieux – *Relire de la guerre de Clausewitz*, Paris, Economica, 2005.

_____ – *Clausewitz en France: deux siècles de réflexion sur la guerre* – Paris, Economica, 2008.

Carl von Clausewitz – *Da Guerra*. S. Paulo, Editora Martins Fontes, 1996.

Vô Nguyen Giap – *Mémoires, 1946–1954 (Tome I - La résistance encerclée)*. Ed. Langues Étrangères. Hanói, Thê' Gioi, 2003.

_____ – *Diên Biên Phu* – Thê' Gioi, 2007.

_____ – *Vietnam liberado, Guerra del Pueblo, Ejército del Pueblo*. Buenos Aires, Ediciones Horizonte, 1965.

T. E. Lawrence – *Os Sete Pilares da Sabedoria*. S. Paulo, Cia do Brasil, 1938.